

Em tempo de confinamento,
homenagem (micro-histórica) a um Amigo longamente confinado

Neste **25 de Abril**, passado pela **primeira vez** em **casa**, vou falar pela **primeira vez** de um Amigo, o **Fernando Muge**, que foi o meu companheiro no dia **25 de Abril** de 1974, e que se encontra em **casa** há décadas por motivo de doença prolongadíssima.

Conheci o **Fernando Muge**, que é um ano mais novo do que eu, em outubro de 1965, quando – por força da minha prisão de novembro de 1964 a julho de 65 – fui integrado no 3º ano do **curso** de Engenharia Químico-Industrial que tinha entrado para o Técnico em 1963. Era um **curso** composto maioritariamente por **meninos-bem** com alguma ambição política, prontos a ocupar posições de direção nas empresas que a fação tecnocrática do regime ia pondo em marcha, com base nas matérias-primas de origem colonial e numa tecnologia feita de patentes cedidas a peso de divisas fortes pelas multinacionais que começavam a dominar a economia do país. Esses **meninos-bem**, de que são exemplos Ângelo Correia¹ e João de Deus Pinheiro², correspondiam aos “**marrões**” enxovalhados pelo Brel no tango ‘Rosa’, cuja letra é (ligeiramente) *détournée* nos versos seguintes:

*Les forts en thème
Boutonneux jusqu'à l'extrême
Qui recouvrent de laine
Leur cœur qui est déjà froid
Qui déclinent de chagrin
Et qui seront ingénieurs
Parce que papa ne l'était pas*

*Les Ângelo et les João de Deus
Qui seront le Portugal de demain*

¹ **Este rapaz** – que se tornou mais tarde o “empresário” animador da associação de amizade Portugal-Iraque (pouco antes do ataque ao país Xiita do petróleo, por parte dos EUA) – “moeu-me o juízo” durante dias a fio quando eu saí da cadeia, com perguntas penetrantes sobre a atitude do **regime** em face do meu caso (estudante privilegiado que se “mete em política”, contestando radicalmente o **regime**).

² **Este rapaz** – que surripiou uma mantinha de xadrez da TAP, após um voo oficial como Ministro dos Negócios Estrangeiros do Cavaco – tinha comigo longas discussões sobre a legitimidade democrática da Associação, com o estranho argumento de que a **Direção** não era “eleita por todos os estudantes” (‘esquecendo’ que a **Direção** do País não era eleita por nenhum português).

Neste ‘caldo de cultura’, o **Fernando Muge** (vd. Fig. 1) tentava manter a equidistância entre os “marrões” e os “associativos” (era bom aluno, mas não se interessava por política). Desaparecia logo que acabavam as aulas, não participando no **estudo em grupo** que praticávamos animadamente nos cafés da Praça de Londres e Avenida de Roma, onde coexistíamos com os “marrões”³ (e mesmo com os desportistas do automóvel, do tipo Mira Amaral, **que fez caminho** na Banca **pela mão** das empresas, e Diamantino Durão, **que fez caminho** na Educação **pela mão** do sobrinho).

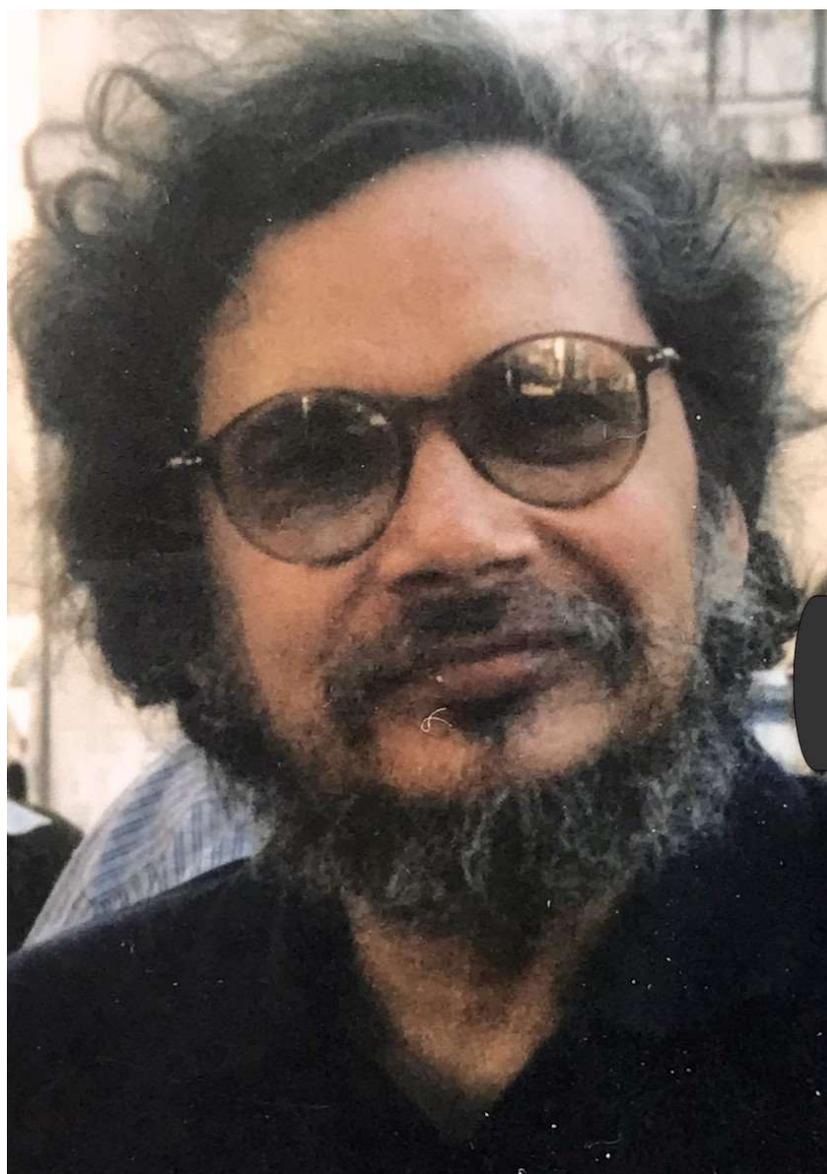


Fig 1 – Fernando Muge

³ Lembro-me de uma sessão deste **estudo em grupo**, em que o Ângelo Correia usava disfarçadamente “cábulas” para resolver os problemas, no sentido de demonstrar aos colegas que era o ‘melhor do curso’.

Assim, embora se visse que estava um bocado magoado com as ‘estrelas’ de direita, que “não lhe davam o devido valor”, também é verdade que recusou (de um modo quase físico, saindo literalmente de cena – *i.e.*, de uma sala de aulas –, em corrida desenfreada) o ‘convite’ que a Paula Fonseca lhe fez para ser “delegado de **curso**”, num momento em que a Associação se dedicava mais acentuadamente a aspetos pedagógicos ligados à escola, quando a Junta de Delegados era acarinhada pela Direção, dando-lhe algum poder consultivo (*vd.* Fig. 2).



A AEIST
virada para
os
“CURSOS”

Existia a Junta de Delegados, constituída por delegados de Curso, eleitos pelos estudantes de cursos e turmas. Marcava as datas de exames e falava com os professores sobre matérias e exercícios, a partir da opinião dos respectivos estudantes.



Abreu, A. (2018)
“A Importância
da Associação
de Estudantes
do Técnico”,
Abril

Fig. 2 – Um *binómio* do período em que houve um *linguistic turn* para os ‘CURSOS’

Terminado o **curso**, verificámos que o emprego para os Engenheiros Químicos estava mau e – para meu espanto – vejo o **Fernando Muge** alinhar comigo numa aventura profissional insólita: tratava-se de entrar para a Junta de Energia Nuclear (**JEN**), com o **Compromisso** de fazer o **Curso de Minas em três anos**, sob o privilégio de trabalhar na **JEN** como “civil”, uma vez terminada a fase de recruta e especialização da tropa (o que equivalia a escapar à guerra colonial sem deserções, ‘passagens a salto’ e exílios).

Durante **os três anos do Curso de Minas**, as minhas relações com o **Fernando Muge** estreitaram-se, até porque **nos** viam como *outliers* muito notáveis na distribuição dos alunos de Minas⁴, tratando-**nos** com grande “respeito e consideração”.

Comecei então a desvendar a *persona* que o **Fernando Muge** criara para uso no Técnico: era um tipo inteligente e sagaz, envergonhadamente tímido na presença de uma vistosa namorada *red-haired*, que ele exibia com arrebatamento a seu lado, num Triumph branco descapotável como o da Fig. 3.



Fig. 3 – A única ‘extravagância’ do **Fernando Muge**

⁴ Embora o **Curso de Minas** existisse desde 1911 no Técnico, cujo fundador era – aliás – doutorado pela *Technische Universität Clausthal* (a primeira escola em que se lecionou, a partir de 1755, a Engenharia de Minas), o perfil dos alunos desta especialidade em Portugal era considerado fraco, em média (com algumas óbvias exceções). Esta circunstância decorria do facto de Portugal “continental” ser visto como um país pobre em recursos minerais pela fação mais retrógrada do regime fascista, que “matava dois coelhos de uma cajadada” com esta *fake new* propalada aos 4 ventos: sublinhava a necessidade de manter as colónias como fornecedor de **matérias-primas** a custo quase nulo, e desaconselhava a fação “desenvolvimentista” a montar um sistema industrial da fileira mineral, baseado nas **matérias-primas** que existiam no país, como o Volfrâmio da Panasqueira, o Urânio da Urgeirica, os Sulfuretos de Aljustrel ou o Ferro de Moncorvo, cuja exploração era concessionada às multinacionais.

O meu (já) **amigo** (vd. Fig. 4, foto do início da década de **1970**) nascera – na qualidade de filho primogénito (tinha um irmão muito mais novo que veio a morrer prematuramente num acidente de viação) – no seio de uma família humilde⁵, que o acarinhava à *outrance*, procurando sempre facilitar-lhe a vida. Viveu com os pais até ao casamento a que não assisti, e logo se mudou para um apartamento na Afonso III (bem decorado pela mulher, que tinha jeito para “arquitetura de interiores”).



Fig. 4 – **Amigos** (Arquivo Paulo Muge)

Com início em **1970**, teve lugar o *Bildungsroman* político do **Fernando Muge**, numa época em que a **fação** moderada do regime (promovendo as idealizadas “democracias europeias”) estava a ser esmagada pelos ultras colonialistas apoiados no Tomás⁶.

⁵ Viveu até ao fim da adolescência com os avós maternos, porque os progenitores não tinham “condições económicas para o seu sustento”. Já andava no Liceu quando o Pai se rendeu ao trabalho de designer (são dele grande parte das capas da Coleção XIS, policiais da Editorial Minerva que competiam com os Vampiros da Livros do Brasil), e montou casa na Graça, onde passou a viver em santidade com a mãe – uma senhora doce e encantadora, “dona-de-casa exemplar e esposa/mãe extremosa” –, deixando para trás alguma vaga boémia surrealístóide da sua juventude.

⁶ Esta **fação** retrógrada era cega às dificuldades crescentes em manter três frentes de luta: na Guiné, o Spínola esbracejava desesperadamente na contenção das investidas cada vez mais veementes do PAIGC; em Moçambique, o Kaúlza saía derrotado no nó Górdio e a Frelimo aproximava-se perigosamente da Beira; em Angola, o Costa Gomes segurava o barco até 1972, à custa de um esforço imenso em homens, material e dinheiro.

Assim, as **viagens** que começávamos a fazer juntos às cidades da **Europa** onde se encontrava a maioria dos **desertores** meus amigos – Paris, Bruxelas, Londres – mostravam à evidência que tínhamos feito a escolha certa, ao evitarmos o **exílio** a partir do ‘truque’ da JEN. De facto, o **exílio** era um fardo insuportável para quase todos os companheiros que nos acolhiam entusiasticamente (ávidos de notícias não-oficiais da ‘terra’), mas que viviam – sob o peso da depressão ou das questiúnculas sem sentido que não deixavam espaço para uma réstia de esperança – em situações económicas deploráveis, com empregos medonhos e em condições habitacionais indescritíveis.

Nos pontos de paragem das longas **viagens** de carro pela ‘**Europa** Civilizada’, picávamos alguma *printed matter* antifascista (livros, revistas, jornais, panfletos, *vd.* exemplos na Fig. 5), e diluíamos estas preciosidades num mar de publicações de cariz **científico** (compradas expressamente para o efeito, mas também interessantes de outro **ponto de vista**). Podíamos assim afrontar com alguma serenidade a angústia de sermos revistados na fronteira, o que só aconteceu uma vez, por via de um Guarda Fiscal que – no entanto – estava mais interessado em contrabando comestível, suscetível de **ser** “apreendido” com proveito (**literal**), do que em montes de papel ilegível (e **literalmente** intragável) que ele não sabia bem o que podia **ser**...



Fig. 5 – Algum material “subversivo” que entrou clandestinamente no país pelos postos fronteiriços mais esconsos, e nos períodos em que se imaginava que os agentes da Guarda Fiscal estivessem mais ‘distraídos’

Do **ponto de vista científico**, tivemos um **encontro reciprocamente epifânico** com o **Professor Quintino** Rogado, regente das cadeiras mais interessantes do **Curso de Minas**, o qual íamos fazendo “com uma perna às costas” ao longo dos **três anos** em que decorreu a nossa ‘formação complementar’ (às matemáticas e físicas do curso anterior).

Esse **encontro** materializou-se na nossa integração num **Centro** de Investigação do Instituto de Alta Cultura (Núcleo de **Tratamento de Minérios**), que funcionava rronadamente numa **cave** escura do Pavilhão de Minas: era uma espécie de cemitério da **maquinaria** de **Tratamento de Minérios** que o **Professor Quintino Rogado** tinha dimensionado e desenvolvido **desde** 1960 para a Companhia **Mineira** do Lobito, da qual era Diretor Técnico **desde** os 30 anos.

Tendo-se convertido às tecnologias doces *avant la lettre*, **o Prof** (como toda a gente lhe chamava) abandonara recentemente o *côté* engenheiral (no sentido de agente da Primeira Revolução Industrial) que o fizera construir a tal **maquinaria** abandonada na **cave**, e decidira – quase à maneira de Leonardo – lançar-se em voos mais **abstratos**, a partir dos seus profundos conhecimentos de Mecânica Racional (cadeira que lecionara como Assistente do Mira Fernandes). Assim, tolerava com amargura a indigência dos seus colaboradores no **Centro**, que não o acompanhavam em nada que fosse mais **abstrato** do que uma regra de três simples (exceção feita ao **Eng^o Cortez**, um homem brilhante e diligente que – no entanto, e pela sua indolência – não tinha *guts* para emergir da mediocridade circundante). Neste contexto, o **encontro reciprocamente epifânico** tinha de se dar, lançando um *win-win game* que se desenvolveu à medida da micro-história. Deste modo, fomos lançados pelo Prof no estudo de uma disciplina muito **abstrata**, filiada na escola estruturalista francesa e designada por **Geoestatística**. Mais uma vez *avant la lettre*, **o Prof** viu como os algoritmos da **Geoestatística** podiam ser aplicados ao Planeamento Mineiro dos jazigos da **Mineira**, abrindo assim caminho para a “Colaboração Universidade-Empresa”, coisa verdadeiramente inovadora nesses tempos, mesmo em termos “europeus”.

Como outra atividade *avant la lettre*, fomos encorajados pelo **Prof** a publicar os resultados da **nossa** investigação (em que participava o **Eng^o Cortez**, arrastado pela **nossa** pulsão), nas atas de um Congresso realizado em Madrid (*vd.* Fig. 6), e em que o **Fernando Muge** era o participante mais jovem.

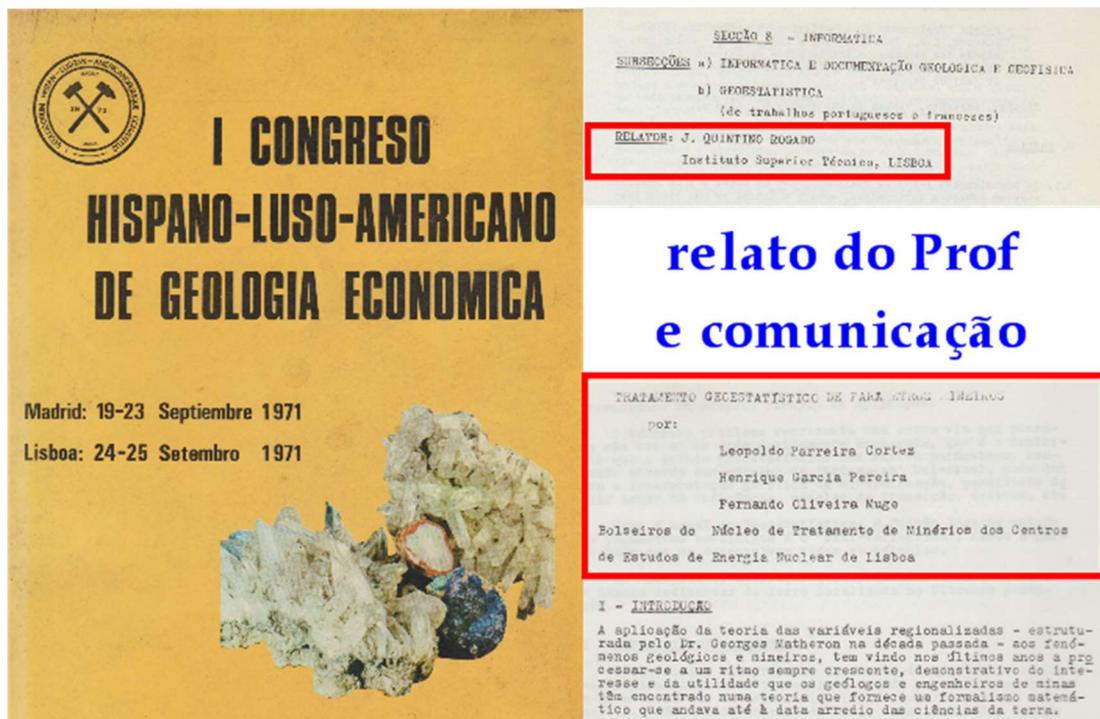


Fig. 6 – A primeira comunicação de 3 colaboradores do Prof, que fez o relato da sessão

No decorrer dos três anos do Curso de Minas, o único contacto que mantivemos (por obrigação) com uma mina ‘real’ consistiu num estágio (necessário para obtenção de novo canudo) realizado na Urgeiriça, durante umas férias de verão. Na Fig. 7 pode ver-se o Fernando Muge, saído – são e salvo, e por isso relativamente satisfeito – das profundezas do inferno pelo poço de Santa Bárbara (a via de acesso ao inferno).



Fig. 7 – O Fernando Muge à sombra do poço de Santa Bárbara (arquivo Paulo Muge)

Uma **atividade** pretensamente lúdica que se realizava na Urgeiriça a 4 de Dezembro, dia de **Santa Bárbara** (patrona dos mineiros e artilheiros, e antídoto contra os trovões), era uma almoçarada nas instalações da JEN, presidida pelo Kaúlza (que fazia gala de vir de Moçambique para esta **comemoração**).

Obviamente que éramos obrigados a ‘participar’ em tal **comemoração**, e a ouvir os intermináveis discursos de todos os próceres fascistas da região de Nelas/Canas de Senhorim que contavam sucessivas versões ‘melhoradas’ dos milagres da **Santa**. A única coisa que se aproveitava nessa **atividade** era o vinho Dão, que era divinal, mas que melhorava segundo a recta a vermelho da Fig. 8, à medida que diminuía a distância entre qualquer ponto da sala⁷ e a posição fixa do Kaúlza.

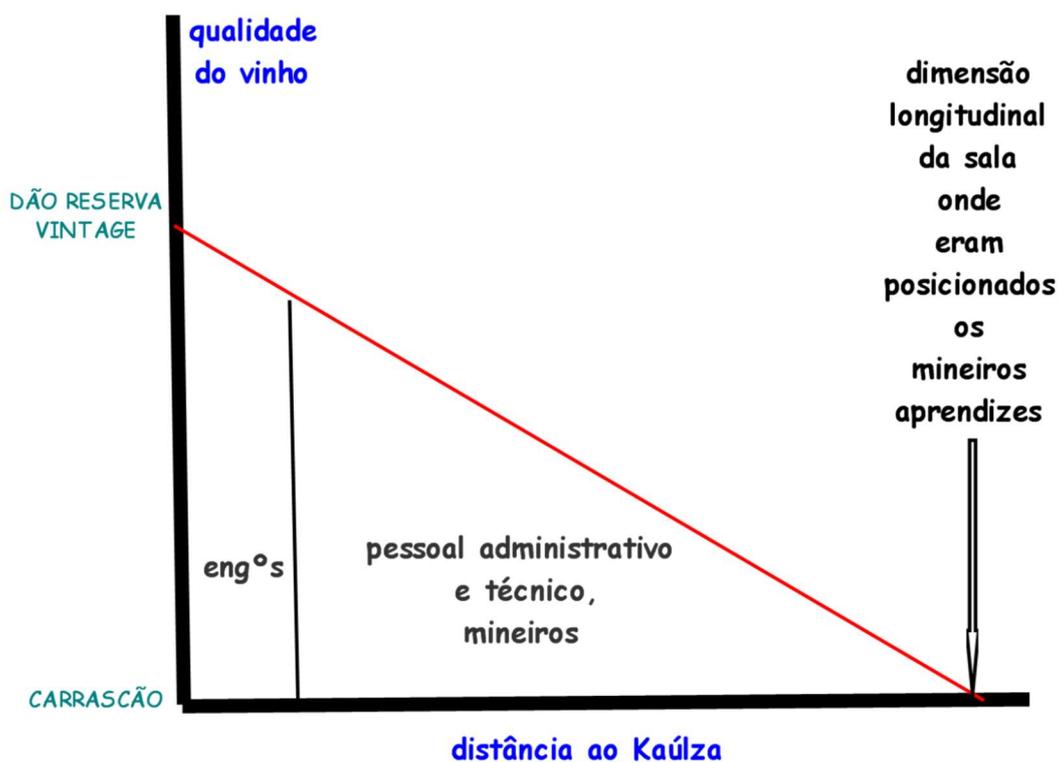


Fig. 8 – Correlação negativa entre a ‘qualidade do vinho’ e a ‘distância ao Kaúlza’

⁷⁷ A sala era um **rectângulo** alongado, em que um dos **lados menores** era ocupado pela **mesa da presidência**, colocada sobre um **estrado**, e centrada no Kaúlza. Sobre esse **estrado**, era ainda colocada uma banca, para disfarçar a pequena dimensão do grande estratega. Meio metro abaixo da **mesa da presidência**, desenvolviam-se linhas paralelas de mesas corridas, ocupadas por comensais ordenados por ordem decrescente da sua ‘importância’ na hierarquia da **JEN**, até ao outro dos **lados menores** do **rectângulo**, onde eram posicionados os mineiros aprendizes.

Durante esse período, vivemos a vida sem graça dos funcionários públicos, num ambiente de regressão acentuada: **quando** o Urânio estava a cair nos mercados internacionais (depois do pico da guerra fria e das centrais nucleares), e **quando** – secretamente – toda a gente sabia que as colónias eram “parra que dera uvas”, ninguém acreditava que o nosso trabalho fosse *feasible*, nem mesmo os seis engenheiros de minas/geólogos que constituíam o **staff** da **Direção-Geral**, e que eram supostos dar-nos o maior apoio, conforme instruções escritas do **Diniz Ferreira** (fingindo “apoiar incondicionalmente o nobre **desígnio**” do **Kaúlza** que consistia na “detecção do minério de Urânio existente nas **Províncias Ultramarinas**”). Na verdade, os elementos do **staff** “assobiavam para o lado”, indiferentes ao **desígnio do Kaúlza**. Faziam coro com o pessoal técnico e administrativo que se arrastava entre o ‘picar o ponto’ e a ‘hora de saída’ (quando todos se aglomeravam junto ao relógio, para ir para outro emprego⁹). Nestas condições, a nossa atividade adaptou-se naturalmente à atitude do “faz de conta” generalizado que assolava a **JEN**, durante o tempo – cada vez mais curto e improdutivo – de permanência na **Direção-Geral** (que passou a funcionar como uma espécie de *locus amoenus* para ver os ‘barcos que passavam no rio’, tomar café, conversar com os colegas e ler tudo o que nos apetecia).

Num dia desta fase, o **Diniz Ferreira** mandou-me chamar em segredo pela secretária e disse-me titubeantemente que a Direção-Geral de Segurança tinha dado parecer negativo ao meu ‘processo’, o que impedia definitivamente a minha contratação, sem apelo (nem mesmo para o **Kaúlza**) nem agravo.

Perante este *conundrum* (para a **JEN**), tomei o ar distante e frio de um ‘advogado de negócios’ que analisava um processo laboral, e repliquei que “a outra parte” tinha de me pagar nove anos de salário, se me **quisesse** manter ao serviço “num regime a definir”; se não **quisesse**, eu estaria pronto a rasgar o **Compromisso**, para aceitar um emprego “na privada” (lancei então o meu trunfo mortal: tratava-se do convite que me fora feito pelo lendário Engenheiro Brito, amigo do **Prof** e flibusteiro das pequenas minas do **Continente**, para ir trabalhar com ele no planeamento das suas atividades).

⁹ Os anos do marcelismo foram penosos para grandes **camadas** da pequena/média burguesia, quando a inflação começou a corroer os salários, que não satisfaziam o consumismo nascente, levando a algum endividamento (incitado pela Banca, que despontava para uma financeirização incipiente).

Em face desta conjuntura des**favorável** – para ele – e **favorável** para mim, o **Diniz Ferreira** concentrou-se no ataque ao **Fernando Muge**, impondo-lhe o absurdo desterro para Lourenço Marques, sem quaisquer condições de exercício da função preparada (e financiada) pela **JEN** durante 5 anos. De facto, a quimérica **Prospecção Aérea** só poderia fazer (algum) sentido usando o mesmo avião – um Cessna que entretanto tinha sido ‘devolvido’ à Lockheed – em Angola e Moçambique, por períodos alternados: durante as campanhas de voo (e ainda sob o *proviso* de que havia financiamento e condições de segurança), o **Fernando Muge** deslocar-se-ia a Malange, e eu a Tete, para apoio logístico, sem o qual não era viável a operacionalização do mirífico projeto **Kaulziano**.

Passei assim calmamente mais um ano na **Diogo do Couto** (a estudar **Geoestatística**, “sob o olhar feroz do meu carcereiro” **Diniz Ferreira**), enquanto o **Fernando Muge** ‘fazia as **malas**’ para **ir** para Moçambique, com a maior das vontades de não **ir**.

Na **madrugada** do **25 de Abril** de 1974, durante o meu percurso de regresso a casa a partir do Bataclán, uma boíte no Bairro Azul onde ia às vezes, pareceu-me vislumbrar – envolto nas névoas dos meus sentidos – um tanque militar em manobras junto ao **Quartel-general** da Palhavã. Não liguei muito, e dormi umas horas até ao sacramental telefonema de um amigo (já falecido) anunciando que os “militares estavam na rua, mas que não se sabia exatamente qual era a sua orientação política”. Inquieto e lembrando-me do *échec* de Março anterior (associado à **visão noturna dessa madrugada**), liguei a telefonia, que estava a dar música marcial até ao momento em que foi lido o **comunicado do “Movimento das Forças Armadas”** recomendando à população que se “mantivesse em casa” (o que me impeliu obviamente para a rua, e me fez dirigir para o meu ‘posto de trabalho’, armado de um transístor e de uma imensa curiosidade).

Encontrei o **Fernando Muge** no vestíbulo da **Direção-Geral de Prospecção e Exploração da JEN**, que estava fechada. Falava com o porteiro em grande agitação, e dirigiu-se a mim ansiosamente, pensando que eu **sabia** alguma coisa dos “acontecimentos” (ainda pouco claros às primeiras horas da manhã). Respondi que não **sabia** nada, relatando-lhe a minha **visão noturna** pouco fiável nas vizinhanças do **Quartel-general**, e resumindo-lhe o **comunicado do Movimento das Forças Armadas** que ouvira ao sair de casa (ao que acrescentei uma **sensação estranha de quietude** que me assolara ao passar em Sapadores, na rua que dá acesso à Escola Prática de Transmissões).

Propus-lhe então que caminhássemos juntos ao longo do rio, na direção da **Baixa** (sítio de todas as revoluções, dizia eu, em ressonância do meu **Avô**, ‘Republicano-Histórico’ de muitas intencionas). Junto a Santa Apolónia, onde reinava também a tal **sensação estranha de quietude**, entrámos numa **tasca**, cujo **patrão** ‘era do revirvalho’, e onde íamos por vezes almoçar com o meu **Avô**, que era **companheiro** dele em misteriosas **tertúlias** maçónicas. Com o coração apertado pela incerteza, sentámo-nos com o **patrão da tasca** a comer qualquer coisa, fazendo hipóteses dicotómicas sobre os objetivos da rebelião castrense, da qual ele desconfiava “por princípio”, mostrando um ceticismo inveterado na possibilidade “de **militares** se revoltarem contra um **regime militar**”. Continuámos depois o caminho para a **Baixa** (passando por casa do meu **Avô**, que – apesar de doente – mostrou uma atitude oposta à do seu **companheiro de tertúlia**), e antevimos ao longe a cena representada na Fig. 10, ao passar paralelamente ao rio por uma rua E-W da quadrícula pombalina, nas imediações do **Terreiro do Paço**.



Fig. 10 – Os militares junto ao **Terreiro do Paço**

Começámos então a acompanhar a pequena multidão que começava a subir a colina do Chiado, escoltando à civil uma coluna de blindados (vd. Fig. 11). Nesta altura, tínhamos encontrado alguns conhecidos e, com eles, todas as dúvidas se desfizeram: o apoio popular ao **Movimento** era inequívoco, e – depois do **Fernando Muge** ter parado numa cabine para telefonar à mulher, dizendo que desfizesse as **malas** preparadas à *contrecœur*, e que **fizesse** planos riosos para o futuro – seguimos para o **Largo do Carmo**, comparecendo assim na ‘coreografia’ da queda do **regime** (vd. Fig. 12).



Fig. 11 – Na Calçada do Sacramento



Fig. 12 – Os **militares** e o Tareco no **Largo do Carmo** como ícones do **25 de Abril**

por

Henrique Garcia Pereira

(Professor Catedrático Jubilado do Instituto Superior Técnico)

Lisboa, 25 de Abril de 2020